

## OBJECTOS, TRAJECTOS, DEJECTOS

---

*José Augusto Mourão*

“Assim – há quem diga –, confirma-se a hipótese de que cada homem traz na mente uma cidade feita só de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, e são as cidades particulares que a preenchem.”

I. Calvino

“En réalité, il n’y a pas de “signifié”: parce que même le signifié est un signe (...) Oui ce chêne que j’ai devant moi n’est pas le “signifié” du signe écrit-parlé “chêne”: non, ce chêne physique, ici devant mes sens, est lui-même un signe: un signe non-écrit-parlé, bien sûr, mais icono-vivant, ou tel qu’on voudra bien le définir”.

P. P. Pasolini

### **Resumo**

Analisa-se aqui a noção de objecto numa perspectiva da semiótica dinâmica, via Peirce e Brandt, entre outros, no contexto de um programa de investigação: Objectos, Trajectos, Dejectos, partilhado com a Prof<sup>a</sup> Maria Augusta Babo.

1. A semiótica é não apenas uma disciplina crítica da actividade e dos processos comunicativos<sup>1</sup>, como também uma disciplina que se constitui como uma epistemologia do saber, ao indagar as condições de possibilidade da significação<sup>2</sup>. A semiótica morfo-dinâmica surge como convergência da teoria das catástrofes de R. Thom e J. Petitot com as ciências cognitivas de L. Talmy e de R. Langacker e com as semióticas estruturalistas existentes. Mas é do encontro com a teoria da forma urbana, criada por G. Ritchot e aprofundada por G. Desmarais que lhe é permitido ultrapassar dificuldades interpretativas, dando conta da origem, do desenvolvimento e da transformação das formas de uma cidade. A semiótica morfo-dinâmica da cidade interroga, debatendo, problemas que a representação do conhecimento levanta e propõe uma racionalidade comunicacional possível que permitirá estabelecer critérios científicos de políticas urbanas.

2. O primado da relação, que é a pedra angular na teoria da significação não é, para nós, a relação transcendental da tradição idealista (de Apel ou Habermas, v.g.), mas a relação concreta de agentes que interagem. Habermas intitula uma obra *Espaço público* sem que o carácter físico espacial deste espaço seja analisado enquanto tal. Sabe-se que Simmel funda a sua epistemologia sobre as duas figuras da Porta e da Ponte. Na sua introdução à Sociologia e Epistemologia, de Simmel, Freund insiste em que “a ponte constitui a imagem da ligação, do relacionamento, a porta a da separação, da dissociação, porque fecha o espaço sobre si mesmo em lugar da infinidade”. “Trate-se do sentido imediato, ou do sentido simbólico, do sentido corporal ou do sentido espiritual, nós somos em cada momento seres que separam aquilo que está ligado ou que ligamos aquilo que está separado” (Freund, 1981). Abertura e fechamento não são apenas conceitos, mas coisas construídas.

---

<sup>1</sup> Veja-se, neste sentido, A. J. Greimas (1976: 59): “A teoria da comunicação social generalizada deve colocar-se sob a égide da significação, e não da informação”. Veja-se ainda Geninasca (1991: 12) e G. Deleuze e F. Guattari (1980: 95-139).

<sup>2</sup> Cf. Greimas e Courtès (1979): “A teoria semiótica deve tomar-se, antes de mais, por aquilo que é, a saber, uma teoria da significação. Deve pois curar de explicar primeiramente, na forma de uma construção conceptual, as condições da percepção e da produção do sentido”.

3. Interessa descrever a dimensão espacial dos factos sociais a partir de um pressuposto do formalismo relacional, muito presente em Hjelmslev, por exemplo: “o objecto examinado tanto como as suas partes só existem em virtude destas relações ou destas dependências; a totalidade do objecto examinado não é senão a sua soma, e cada uma das suas partes só se define através das relações que existem, 1) entre ela e outras partes coordenadas, 2) entre a totalidade e as partes do grau seguinte, 3) entre o conjunto das relações e das dependências e estas partes. Os “objectos” do realismo ingénuo reduzem-se a pontos de intersecção destas redes de relação; isto quer dizer que só eles permitem uma descrição dos objectos que apenas desta maneira podem ser cientificamente definidos e compreendidos (Hjelmslev 1971: 36).

4. Na esteira de Leibniz, Hjelmslev descreve a relação entre um todo e as suas partes, entre o individual e o geral, abstraindo da referência explícita a uma substância, retendo apenas a noção de forma. Ao lado desta tendência formalista, Erik Larsen aponta uma outra em que sobressam os nomes de K. Bühler, V. Brondal, E. Buyssens, E. Benveniste que rejeitam a concepção que pretende que as estruturas semióticas sejam apenas puras formas<sup>3</sup>.

No que respeita à noção de objecto, o traço comum na elaboração teórica de Brondal e Peirce é que ela se assume como definição de um *duplo objecto*. O processo semiótico é uma relação triádica entre um signo ou representamen (primeiro), um objecto (segundo) e um interpretante (terceiro). Um signo ou *representamen* é uma coisa que representa uma outra coisa: o seu objecto. Antes de ser interpretado, o signo é pura potencialidade: um *primeiro*. O *objecto* é aquilo que o signo representa, uma entidade física ou mental: um *segundo*, porque não pode nunca existir sem o representamen, que é o seu primeiro: “o objecto dum signo é uma coisa, o seu sentido é uma outra. O seu objecto é a coisa ou a ocasião (...) à qual se aplica; o seu sentido é a ideia que ele liga a esse objecto” (C.P. 5.6). O *interpretante* é *terceiro*: ele opera a mediação entre o representamen e o objecto: “O primeiro é agente, o segundo paciente, o terceiro é a acção através da qual um influencia o outro (C.P. 1.361; D. p. 76).

Peirce distingue o objecto *imediato* (the Object as cognized in the

---

<sup>3</sup> S. Erik Larsen, “Un essai de sémiotique transatlantique: la notion d’objet chez Brondal, Peirce et Greimas” in *Langages*, 103, 1991, pp. 7-35.



Sign” (CP 8. 183), i.e, o objecto tal como o signo o representa, e o objecto *dinâmico* (“may be the Object as it regardless of any particular aspect of it to be” (CP 183), o objecto tal como ele é, na realidade, exterior ao processo de sentido, mas sempre indicado pelo objecto imediato: “O signo representa o seu objecto, não em todas as suas relações, mas em referência a uma espécie de ideia a que chamei por vezes o fundamento (“ground”) do representamen” (C.P. 2.228; D. p. 121). “O objecto é para Peirce o conhecimento que possuímos já duma coisa e que nos permite concebê-la como signo” (Th. Calvet de Magalhães, 1981, p. 164). O objecto dinâmico não é um “referente” exterior ao processo da semiose, mas um produto da acção do signo.

O objecto brondaleano é um objecto ou coisa enquanto “*capacitas formarum*”, uma capacidade de forma, isto é “uma certa capacidade neutra de determinação qualquer” e uma “capacidade de determinação” (Brondal 1948: 83). É um objecto-subjectivo. Torna-se assim possível encontrar relações importantes entre o objecto subjectivo de Brondal e o interpretante peirceano. Em cada uma das teorias, a noção de objecto é utilizada como ponto de articulação de situações limites, e em cada uma das teorias o carácter duplo do objecto é uma pressuposição necessária para a sua pertinência semiótica (Larsen: 11). A noção de objecto enquanto categoria filosófica tem três raízes: 1) as categorias filosóficas aristotélicas, 2) a fenomenologia husserleana e 3) a filosofia de Duns Scot: “ele é, do ponto de vista da língua, indiferente que os objectos com os quais ela (a filosofia) opera sejam reais ou imaginários, pessoais ou impessoais, corporais ou incorpóreos. Precisa-se apenas de uma espécie de pontos-lógicos ou de átomos que possam ser dados em objecto ao nosso pensamento” (Brondal 1948: 83). Em *Du sens II*, Greimas fala da importância decisiva da noção de objecto, interrogando-se acerca da possibilidade de uma estética se não objectiva, pelo menos objectal (Greimas, 1983: 13). O que está no centro da discussão aqui é a semanticidade do objecto, a sua constituição como objecto de sentido em geral. O traço mais nítido na argumentação de Greimas é o facto que o elemento-chave do processo semiótico é o processo de inferência que faz começar a transcodificação específica, ligada à forma científica, do mesmo modo que em Peirce, em que o argumento e a inferência é também o motor da semiose (Larsen: 19).

5. Aquilo que melhor liga o composto Objectos, Trajectos, Dejectos (OTD) é a ideia de comunicação como combinação de redes

ou reprodução de uma massa circulante das informações. “Consumo e comunicação fusionam e os objectos participam do “todo comunicante”: nós comunicamos *com* e *através* dos objectos e, por seu lado, os objectos estão lá para comunicar connosco. Esta reciprocidade faz virtualmente duma sociedade de comunicação uma sociedade ideal para o Bem-estar dos indivíduos dado que as interfaces como se diz, estão lá sempre, distribuídas no espaço como tópicos essenciais à arquitectónica das redes”<sup>4</sup>. De facto, em termos tanto globais como locais, o “antigo” comunica com o “moderno” ou o “pós-moderno” (em termos arquitecturais), o “centro” com a “periferia” (em termos de trajectos), a “ruína” com o “dejecto”. Os objectos seleccionados – Praça de Espanha ou Expo 98 – permitem articular os eixos em que se distribuem as sociedades de produção, de consumo e de comunicação. A descrição técnico-científica do programa de trabalhos do nosso projecto deixa ver essa intersecção semiótica (cf. p. 6). Os trabalhos de P. Boudon (1975) e de Hillier-Leaman (1975) permitem analisar ps lugares a partir da acessibilidade ou da clausura, utilizando uma mesma estrutura axiomática, ou melhor ainda, revelam uma afinidade estrutural total do ponto de vista axiomático. Mas, por outro lado, o lugar torna-se um patamar comum da realidade circundante e do valor ideal dos lugares. Como diz Thornberg, “os lugares diferenciam o real e o ideal do corpo humano”<sup>5</sup>

6. “O mundo”, diz Per Aage, “é fundamentalmente um mundo de constrangimentos” (Brandt 1992: 69). É preciso não confundir o mundo dos objectos puros, “descritivos” (que, como tais, não existem) com o mundo simbólico, cujos objectos se realizam mediante o sujeito ao franquear o espaço topológico. Ora, para que tais objectos se possam encontrar, é necessário que sejam encontrados por um sujeito, i.é. que sejam “objectos encontrados”. “A experiência topológica de um tal sujeito...torna possível a construção de uma nova síntese que pensa o lugar como lugar de encontro inter-actancial” (Brandt: 1992: 291). A síntese em questão traz o nome de *coremática*, quer dizer uma síntese de coremas. Segundo a sua etimologia, a palavra grega *chorema* deriva do verbo *choréo* traduzido por Lindell & Scott no seu dicionário-

---

<sup>4</sup> Henry P. Jeudy, *la communication sans objet*, La Lettre Volée, 1994, p. 28.

<sup>5</sup> Josep Muntanola Thornberg, “Remarques épistémologiques sur la sémiotique des lieux”, *Communications*, 27, 1978, p. 21.



rio como “make, have room for something” (1968: 1998a-b), isto é, fazer espaço para (alguém ou) qualquer coisa”. No nosso contexto, este “alguém ou qualquer coisa” é o sujeito actancial ou narrativo; é este sujeito que constrói o seu mundo simbólico com a ajuda dos instrumentos modais de que dispõe. O *corema* é pois o espaço em que decorrem os actos constitutivos do drama narrativo<sup>6</sup>. Per Aage serve-se dum modelo matemático com base “topológica”, o modelo de R. Thom e de J. Petitot.

7. As aplicações deste modelo ao percurso morfogenético do estabelecimento humano têm sido feitas, entre outros, por G. Ritchot e G. Desmarais, com algum êxito. Os conceitos de *vacuum*, *corema* e *trajectórias de mobilidade* prometem uma operacionalidade segura para analisar os objectos e os trajectos no âmbito da semiótica dos lugares. Na perspectiva de G. Desmarais, por exemplo, “O urbano e o nomadismo selectivo correspondem à realização das trajectórias endoreguladas, seja por reunião focalizante seja por evasão difusante. O rural e a sedentaridade correspondem à realização das trajectórias exoreguladas, seja por concentração focalizante seja por dispersão difusante” (1993: 100).

8. Para I. Calvino são invisíveis as cidades que Marco Polo lhe descreve, mas também improváveis: destas cidades não se sabe o onde e o como (*As Cidades Invisíveis*, Teorema, 1993). A identidade de cada uma delas é feita de diferenças, como se tivessem sido formadas

---

<sup>6</sup> O *cúspide* articula numa topologia modal duas “situações”, uma com uma *forma complexa* e a outra com uma *forma simples*. A forma complexa seria a imagem dum lugar em que poderia *ter lugar* uma situação particular (forma simples). A forma complexa permite deste modo incarnar um referente modal. Brandt chama a esta figura um *corema*: “O corema, definido por uma síntese topológica multisubjectal (trajectos múltiplos sobre um poço apertado por patamares-fronteiras, como uma cratera vulcânica) poderia aliás descrever-se em linguagem catastrofista de duas maneiras: 1) como uma generalização da figura do poço poiético, que possui precisamente esta estrutura dinâmica; 2) como uma forma produzida por uma *conversão por dualidade* (cf. Petitot, 1983), que opera sobre o *cúspide* invertendo-o. Seria entretanto necessário que os patamares se unissem na continuidade duma periferia circular (cf. a cratera), o que nos remete para as catástrofes umbigo, se queremos uma expressão completa da intuição tridimensional do corema (Brandt, 1995: 343). A imagem coremática de Lisboa no século XVI corresponde, na análise de I. Marcos, à passagem “de um patamar” espaço-temporal (da época medieval à época da Renascença).

por um modelo generativo. Entende-se aqui o percurso morfogenético como o algoritmo gerador das formas do estabelecimento humano que compreende quatro níveis hierarquizados pelas relações de pressuposição:

- o nível profundo do imaginário antropológico
- o nível dinâmico de apropriação territorial
- o nível da estruturação abstracta do espaço geográfico
- o nível da dinâmica de ocupação espacial.

Do ponto de vista teórico e metodológico, o interesse deste percurso morfogenético permite antes de mais conceber as diversas dimensões antropológicas, políticas, geográficas e económicas que estão implicadas na morfogénese do estabelecimento humano. Permite a seguir hierarquizar estes níveis num eixo vertical explicitando as relações de pressuposição que mantêm entre si. Permite enfim adoptar uma perspectiva semiótica definindo os operadores de conversão que asseguram a passagem de um nível a outro. A reconstituição da forma de uma cidade, como Lisboa, permite fazer emergir a sua estrutura espacial (morfogénese) e a actualização das suas diversas formas arquitectónicas, sociais ou estéticas (semiogénese). A história emergente (estrutura profunda) articula-se com a historicidade actualizante (estrutura se superfície).

9. Os objectos têm uma história transformacional, generativa e degenerativa: metamorfoseiam-se, reciclam-se, inutilizam-se. Ao fim e ao cabo, os objectos constituem a história dos restos – o que os liga é a sua posição num universo de valores. O objecto só existe pelo facto de lhe ter ser atribuído um valor: uma “ruína” não é um “dejecto”.

“O objecto não é a cabeça de Medusa. Pode fascinar, mas não petrifica” (H.P. Jeudy: 33). R. Thom pensa a interacção entre sujeito e objecto, e a forma, de duas maneiras diferentes: ou é a forma que age, ou é o sujeito. Se é o sujeito que age sobre a forma fonte, está-se no domínio da pragmática. Se é a forma que age sobre o sujeito, está-se no domínio do afectivo, que se decompõe como atractivo e repulsivo. Havendo dois planos sob os quais a acção se desenvolve, dois eixos: eficácia-ineficácia e atração-repulsão, há também objectos eficazes-atractivos (os alimentos, na sua forma biológica pura) por oposição aos que são inúteis e repulsivos (o excremento).



“Os objectos urbanos são suportes da representação e o seu modo de funcionamento é o reflexo de práticas cidadinas” (H.P. Jeudy: 11). “Atirar ao lixo” é um acto da vida quotidiana que consiste em decidir que algo deixou de ter valor: Como o valor, que permanece um resíduo irreduzível, o dejecto é uma forma essencial do espírito criador (20).

10. Uma cidade é uma totalidade de significação, composta de fronteiras, de zonas de passagem, de interstícios e de coremas. Uma cidade só feita de diferenças é uma cidade estrutural, sem sentido, porque o sentido funda-se na forma (morfologias, objectos, acontecimentos sintácticos, imagens – esquemas). O enigma das formas coloca-nos perante a) a manifestação qualitativa/morfológica dos fenómenos sensíveis; b) o problema do sentido intencional. O trabalho de Isabel Marcos sobre *O sentido urbano*<sup>7</sup> permite uma abordagem semiótica geral da cidade e do sentido, segundo a qual a morfologia geográfica da cidade, que se desenvolve historicamente, pode ser compreendida a partir de uma topologia dinâmica. A forma da cidade como esquematização sublinha a importância de uma inteligibilidade urbana como novo domínio semiótico. Dois processos importa aqui sublinhar: a morfogénese e a semiogénese. A morfogénese é um processo global, ascendente, de estratificação espaço-temporal, estruturalmente estável, resistindo às pequenas deformações que as formas concretas da cidade introduzem aquando da edificação; a semiogénese é um processo local, descendente, de estratificação espaço-temporal, estruturalmente instável porque tenta realizar os valores virtuais que contém a história concreta numa história numa época. A morfogénese precisa o processo de desenvolvimento e de desdobramento que compreende quatro instâncias: a selecção geo-material (o lugar da cidade numa paisagem), a distribuição social (quem habita onde), a concretização institucional (que se constrói e onde) e enfim a concretização arquitectural (que se constrói e como?). Esta morfogénese natural é contradita, entretanto ou modificada, por um processo semio-genético cultural que introduz determinações contrárias: a construção selecciona as instituições, que atraem grupos sociais, que por seu turno investem os

---

<sup>7</sup> Isabel Marcos, *Le sens urbain. La Morphogenèse et la Sémiogenèse de Lisbonne*, Tese de doutoramento apresentado à Universidade de Aarhus (Dinamarca) em 1996.



lugares; neste sentido pode falar-se de planificação urbana, de urbanismo.

Quando todas os estratos da morfogénese estão saturados no espaço, uma modelagem semiogenética inversa se acelera e a cidade fica submetida a um plano, local e global. A forma morfológica de base continua estável, mas as categorias culturais e sociais deslocam-se ao longo dos eixos existentes; a rede das ruas, dos palácios, dos edifícios funcionais – em particular os edifícios religiosos – marcam esta estruturação dinâmica que se converte finalmente numa actividade estética de representação.

A organização morfológica dos primeiros grupos sobre o sítio da futura Lisboa compreendia dois polos estruturais, dois *vacuums* concretizados ao longo dos séculos: um à volta do qual residiam os vivos, outro dedicado aos mortos. Isabel Marcos considera que o substracto físico da região das margens do Tejo (que compreende as formas salientes que são o cabo da Roca, a Serra de Sintram a Serra de Monsanto e a colina de São Jorge) foi articulada por estes dois *vacuums*, o primeiro voltado para o Futuro, o segundo para o Passado. O substracto pregnancial, discretizado em formas salientes, constitui o sítio originário de Lisboa. Isabel Marcos distinguiu dois domínios que se propagam em volta de regiões altamente prenhas, ao formar um vazio, um *vacuum* “sagrado”. É através das relações entre as posições morfodinâmicas (os domínios e os *vacuums*) que é possível dar conta do desenvolvimento dos objectos valores, formas salientes que se situam no Presente<sup>8</sup>. As relações de posição são investidas de significações simbólicas que articulam categorias e valores sobre o estrato físico. Isabel Marcos chama-lhe superestrutura significativa.

---

<sup>8</sup> A noção de *vacuum* é uma noção central na teoria da forma urbana de G. Ritchot: “A noção de *vacuum* torna-se, nesta óptica, central. No plano prático porque os *vacuums* têm atributos de *centralidade urbana*, no plano teórico também porque esta centralidade vai permitir exprimir que sob o alojamento, por exemplo, pode esconder-se uma operação de desalojamento. A cadeia significativa será útil para a descoberta de um sentido se se supõe que este *vacuum* urbano é ele próprio significativo, i.e. estruturante. Sob este aspecto o urbano não é um conjunto de torres, de arranha-céus, de edifícios, mas antes de tudo um buraco, uma forma oca na qual tomam lugar formas arquitecturais tanto mais fetichizadas quanto o *vacuum* que permitiu a sua implantação é negado, abolido, amnesiado (recalcado ou “forclos” (1977: 121).

11. Uma semiótica dinâmica obriga a considerar os objectos ao nível da percepção e da transformação do mundo. A definição do conceito de estrutura morfológica abstracta comporta em si uma dinâmica interna. Através da génese da estrutura morfológica abstracta há significações socio-culturais diversas que se espacializam, que se transformam, que são interpretadas e corporizadas em formas concretas. O projecto OTD obriga a pensar a Cidade como um campo de análise, entendida como um todo complexo gerador de uma multiplicidade de sentidos. Obriga a interligar domínios tão diversos como 1) espaços estruturantes da cidade onde são convocados e sedimentados os valores constituídos, 2) as práticas enunciativas urbanas como apropriações colectivas e/ou individuais, pedestres ou mediadas pelos transportes, que conferem ao espaço uma dimensão orgânica, 3) aquilo que uma sociedade urbana inevitavelmente produz como resto ou detrito e que o sistema tende a excluir, iniciando-se, a partir daí um processo de rejeição/reconversão assente em novos pressupostos éticos e estéticos que tendem a operar um retorno simbólico no próprio social. É na emergência da cidade como estrutura espacial e nos diversos tipos de discursos que a actualizam enquanto posturas públicas e privadas, que se insere a pertinência de uma análise semiótica do espaço urbano.